

SARNEY, JOSE Mal da profissão

JORNAL DO BRASIL

24 JAN 1987

Wilson Figueiredo 24 JAN 1987

NAQ é solução para problemas pêndentes o presidente Sarney conferir diariamente semelhanças, que lhe imputam ou que se atribui, ora com o presidente Vargas, ora com o presidente Kubitschek. Como se não bastasse a um Presidente ter que parecer, antes de qualquer outro, consigo próprio. Sua hora de ser nome de avenida, nas grandes ou pequenas cidades, ainda chegará.

O subjetivismo é, como qualquer espelho, neutro e ilusorídeo, mas infiel. Faz sempre o gosto de quem se vê com olhos de compaixão, e reserva aos outros a severidade. O próprio sujeito se contempla de preferência como melhor lhe convém. Desde, porém, que não seja como realmente é e lhe desagrada profundamente. Governantes são humanos mas exercitam formas superiores de narcisismo, e se enamoram da própria imagem. Vêem-se como estadistas.

Já o menosprezado objetivismo mostra, ao reverso, que nenhum vice-presidente no exercício de funções alheias se parece tanto com ele quanto outro nas mesmas circunstâncias. E que as características não costumam ser do ocupante, e sim do poder ocupado. E, em boa margem, independem do ocupante. Um vice-presidente jamais pode proclamar: eu e as minhas circunstâncias. Quem disse. Só lhe é permitido gemer: ele e as circunstâncias, que dele exigem mais do que geralmente pode dar.

Por mais que o presidente Sarney preferisse ter — com a ponta do remorso udenista — bastante de Getúlio Vargas para lidar com inimigos ocultos e o suficiente de Juscelino Kubitschek para medir-se com os declarados, somente com muito boa vontade poderia reconhecer-se eventualmente no estilo de um ou de outro. Só os aúlicos ou, no extremo oposto, os malquerentes podem falar em JK e Vargas a propósito de Sarney como, tudo indica, fazem à primeira vista uns e outros. As semelhanças não passam de mera coincidência.

Já em relação ao outro vice, chamado antes ao exercício inteiro do mandato presidencial, por mais que lhe desagrade — e também por uma razão udenista qualquer — não poderia esfuzar-se o presidente Sarney do muito que apresentam em

comum, ele e Goulart, com a citação da ressalva universal de que qualquer semelhança entre eles é mera coincidência. No caso, não é. É muito mais. Fato político ou premonição, não importa. Os que não querem de forma alguma ver outra vez o mesmo filme podem ser chamados a ajudar.

Entre Sarney e Jango, de fato, só há em comum a circunstância, alheia à vontade de ambos, que os levou a ter um mandato completo e problemas correlatos, com os quais nada tinham a ver. Passaram, no entanto, a ter. Tudo pode separá-los, exceto a reforma agrária. Nenhum dos dois se preparou, como de resto nenhum vice se prepara para permitir-se mais que um sonho obscuro — e assim mesmo em símbolos fora do alcance da sua interpretação. Todos preferem não pensar na solução que não ousam querer.

As circunstâncias põem e os ocupantes dispõem do poder. Falta aos vices, apanhados geralmente de surpresa, a convicção para dispor, como muito bem demonstraram os dois que nos couberam — João Goulart e José Sarney — pela mão do acaso.

As dessemelhanças, também de maneira fortuita, já que se processam para além da vontade manifestada de ambos, deixaram muito a desejar. Não foram ideais, e nenhum vice pode vir a ser um presidente ideal. Jango teve sete meses a menos do que os cinqüenta que couberam a Jânio Quadros: malbaratou os 21 em que esteve no governo e ficou sem os outros 22. Dos 72 que lhe couberam, Sarney já gastou 22 sem um modo definido de agir: o estilo de governar ainda não é o homem.

Não é, entretanto, o número de meses à disposição que perde um presidente. Se trabalhassem com o nosso presidencialismo, os gregos diriam que os deuses, quando querem perder um governante sem ambição de poder, presenteiam-no com mandato longo. De fato, a perdição não resulta do prazo, mas da índole do condenado, pois ao hesitante sempre parece que o tempo guardado resolve por si os problemas que ele não quer decidir.

Pois bem: entre semelhanças e diferenças em relação a João Goulart — que Sarney preferia não reconhecer quando se olha ao espelho, mas aí por superstição mesmo, e não preconceito udenista — o que mais o incomoda é encontrar no campo visual o mesmo Leonel Brizola — pois não há outro — à espera do erro fatal.